

# *As Maças de Prata*

*Henrique Madeira*



UNIVERSITÁRIA EDITORA

*Sem autorização expressa do Editor  
não é permitida a reprodução desta obra,  
no todo ou em parte e por nenhum meio,  
exceptuando-se a transcrição de pequenos excertos  
para fins de divulgação e crítica.*

- Título:** “As Maçãs de Prata”  
**Autor:** Henrique Madeira  
**Editor:** Gil Cancela Leite  
**Prefácio:** Orlando Neves  
**Capa:** João Branco  
**Edição:** Universitária Editora, Lda.  
Rua Camilo Castelo Branco nº 23 – 6º 1150-083 Lisboa  
Telf. 213 162 442 – Fax 213 162 444  
[www.universitariaeditora.com](http://www.universitariaeditora.com)
- Execução gráfica:** Totalgráfica, Lda.  
Qta. de Santa Rosa  
Armazém – JLS  
2685-585 Camarate
- Depósito Legal:** 178851/02  
**ISBN:** 972-700-421-0

**HENRIQUE MADEIRA**

**AS MAÇÃS DE PRATA**

**TEATRO**

\* \* \* \* \*

## PERSONAGENS

(pela ordem de entrada em cena)

- João
- Eurídice
- António
- Jorge
- Ana
- Justina
- Maria José

Ouvem-se bombardeamentos, gritos. Cruzam-se holofotes. Intensamente. Depois, parece acalmar. Um muito estranho silêncio. Tudo bastante escuro. Em breves instantes, descortinam-se luzes. Mas são de fogo e de sangue. Às vezes, parece ouvir-se um ruído ligeiro que poderá parecer derradeiro assobio de pássaro quase sem vida, talvez querendo fazer pequeno voo.

Não existe qualquer sentido de vida. São destroços, ruínas, corpos mortos. Talvez há muito. O espectador vai-se apercebendo, aos poucos, de que teria havido (ou ainda há) uma guerra, ou cataclismo. Não havia vitalma. Longos silêncios.

Observavam-se, depois, mesmo perante o lusco-fusco, plantas e árvores amorfas, dilaceradas pela destruição e pelos incêndios. Nada levava a crer de que existia ainda qualquer réstia de vida. A escuridão não deixava discernir quase nada.

Perante aquele mistério, algo, finalmente, parece que se vê mexendo. Um corpo humano arrasta-se, mas cai para o lado, desirmanado, com esgares e dores. Depois, recompõe-se. A luz ténue descortina-se, deixando ver todo um conjunto de casas em destroços.

A figura humana vai sempre tentando levantar-se. Arrasta-se. Desloca-se para outro local. Apesar de tudo, parece não ter ferimentos graves. A noite (ou a madrugada) começa lentamente a dar lugar ao dia. Vêm-se, então, corpos mortos, árvores tombadas, animais caídos, casas destruídas.

Há um levantar de punhos e ouve-se um grito dilacerado. É uma voz de homem. Uma exclamação de espanto, dor e raiva.

Procura corpos. Bruscamente. E vai constatando o que se passara. Pega num deles com os braços abertos. Grita loucamente. Agarra-se ao corpo morto com desespero. Percorre tudo em redor. Grita. Plena desolação. Inconformado, então sai dali. Depois, senta-se no chão. Impotente perante tudo o que certificara. Tem as mãos apoiadas na cabeça.

O homem (João) observa, entretanto, no outro extremo da cena e, aproximando-se, um homem que coxeia bastante, apoiado a uma mulher.

Trocam-se exclamações. Há um grito conjunto desesperado que traduz enorme desencanto. Existe também uma ausência de forças.

São pessoas que não se alimentam há vários dias. Também têm deficiências físicas e psicológicas.

Tudo se passa muito lentamente. Com forte sentido de ausência. A luz do dia clarifica um tanto, mas não muito. Daí a pouco, é uma nova manhã. As vozes são indistintas. Primeiro, não se percebe bem o que dizem.

João (*sem forças*)

Está tudo morto...

Eurídice (*com desalento*)

Está tudo destruído...

António (*de forma áspera*)

Terrível!... Onde estamos?

João

Seremos nós os únicos?

António (*Com desespero. Coxeia e apoia-se a uma muleta improvisada do tronco de uma árvore*)

Tudo foi queimado pela guerra.

João, Eurídice e António (*todos em coro*)

Maldita guerra! Maldita guerra!

João (*levantando os braços*)

Está tudo morto. Pessoas, árvores, pássaros (*movimentando-se*), as casas estão todas destruídas.

Eurídice

Restamos nós neste pequeno mundo amaldiçoado. Estamos sós. Até na desgraça é melhor estarmos juntos.

João (*com voz apagada*)

Eu sou o João. E vocês?

Eurídice

Chamo-me Eurídice.

António (*coxeando e deslocando-se mal*)

António. Mas nós já não temos nomes. Nós desaparecemos do mapa. Nem rosto, nem profissão. Nem família, nem pátria. O meu corpo, a minha mente e a minha cara são de outro. Tudo se apagou (*ergueu os punhos ameaçadores*). Já não somos nada no universo. Já não há seres vivos. A própria vegetação agreste não tem vida.

João (*com grande desalento*)

É uma grande tristeza e uma grande verdade. Os nossos pais, irmãos, todos os parentes muito possivelmente desapareceram do mundo dos vivos com os bombardeamentos.

Eurídice

Ah, não há sinais de nada. Não há sinais de pássaros e de outros animais. Das urzes e dos zimbros. Das oliveiras e zambujeiros. Das laranjeiras, pinheiros, castanheiros, carvalhos. Tudo morto.

João

Muito tempo vai ser preciso para se voltar a recompor.

Eurídice (*com voz magoada*)